

Comitê Gestor Institucional de Formação Inicial e Continuada de
Profissionais da Educação Básica

ESPECIALIZAÇÃO EM “ALIMENTOS, NUTRIÇÃO E SAÚDE NO ESPAÇO ESCOLAR”

**MIGRAÇÃO E HÁBITOS ALIMENTARES EM AMBIENTES EDUCACIONAIS:
O CASO DA TRÍPLICE-FRONTEIRA**

DANIELLI PASQUALI

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado ao curso de especialização “Alimentos, nutrição e saúde no espaço escolar”/COMFOR, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Alimentos, nutrição e saúde no espaço escolar. Orientador: Anaxsuell Fernando da Silva.

Foz do Iguaçu

MIGRAÇÃO E HÁBITOS ALIMENTARES EM AMBIENTES EDUCACIONAIS: O CASO DA TRÍPLICE-FRONTEIRA.

Danielli Pasquali¹

Anaxsuell Fernando da Silva²

RESUMO

Este artigo aborda as questões relacionadas à alimentação escolar na fronteira. O objetivo do estudo é discutir como acontecem as mudanças e continuidades das práticas alimentares após a migração e como se constroem hábitos alimentares nos estudantes descendentes de famílias de migrantes. Espera-se compreender os hábitos alimentares dos estudantes iguaçuenses no contexto antropológico da tríplice fronteira e identificar as influências étnicas que imprimem práticas alimentares de diferentes povos que vivem na região. Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica de publicações que contribuem para definir a antropologia alimentar dos estudantes de Foz do Iguaçu e reconhecer os elementos que implicam no etnocentrismo alimentar. A reflexão contribui para repensar as práticas de elaboração da alimentação escolar na tríplice fronteira.

Palavras-chaves: Alimentação. Etnocentrismo alimentar. Diversidade cultural. Educação

ABSTRACT

This article discusses the issues related to school feeding at the border. The objective is to discuss how the place changes and continuities of eating habits after migration and how to build eating habits in children of migrant families students. Expected to understand the eating habits of iguaçuenses students in the anthropological context of the triple border and identify the ethnic influences that print eating habits of different people living in the region. This is a bibliographic review of publications that contribute to defining food anthropology of Foz students and recognize the elements that imply the food ethnocentrism. Reflection helps to rethink the development practices of school meals in the triple border.

Keywords: Food. food ethnocentrism. Cultural diversity. Education

INTRODUÇÃO

A adaptação alimentar dos migrantes vem sendo objeto de estudos, pois cada região dispõe de produtos que necessitam ser trabalhados para serem consumidos, e essa manipulação dos alimentos em busca de sabores despertados culturalmente em cada

¹ Graduada em Nutrição, pelo Centro Universitário de Maringá. Especialização em Alimentos, Saúde e Nutrição pela Unila.

² Doutor em Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia, pela Universidade Estadual de Campinas. Professor de Antropologia da Universidade Federal da Integração Latino-Americana

comunidade, torna-se uma característica cultural a qual será transmitida de uma geração para outra, de um povo para outro.

De acordo com Janaina Braga de Paiva et al. (2012) a abordagem às acepções relacionadas aos hábitos e as justificativas da importância de respeitá-los culturalmente, expressam de forma polissêmica e suscitam o estudo de temáticas como tradições alimentares, alimentação saudável, racionalidade técnica eêmica, ou seja, a racionalidade ligada aos sentidos linguísticos dados culturalmente aos alimentos por uma comunidade, aceitabilidade da alimentação na sociedade e na escola e, ainda, a segurança alimentar e nutricional.

Sabe-se que as pessoas carregam na memória os sabores vivenciados na sua casa, na sua comunidade e na sua terra e que ao mudar para outros lugares buscam encontrar os sabores para preservar o sentimento de pertencimento ao local de origem, um exemplo disso são pessoas que mudam do Brasil para o exterior e que se reúnem para comer alimentos típicos brasileiros mesmo estando fora do país.

Um exemplo disso é o estudo desenvolvido por Viviane Kraieski de Assunção (2011) o qual discutiu a adaptação alimentar dos migrantes brasileiros nos Estados Unidos, a autora faz a seguinte consideração:

Quando migram, os sujeitos levam consigo suas práticas alimentares, com seus saberes e valores sociais, e deixam para trás um meio sensorial familiar que é parte integrante de suas interações sociais. Tentar reproduzir esta sensorialidade – ou acostumar-se a novos gostos e sabores – é uma tentativa dos imigrantes de lhes trazer conforto e sensação de familiaridade em um novo contexto social, marcado por inúmeras dificuldades, além de manter e manifestar vínculos com (e no) Brasil (ASSUNÇÃO, 2011, p.22).

Ana Maria Canesqui (2005) ao refletir a respeito da abordagem sociocultural da alimentação explica que as escolhas alimentares não são realizadas a partir do valor nutritivo dos alimentos, mas que obedecem a uma classificação moderna da nutrição, no entanto, considera também importante que seja determinada a disponibilidade de alimentos que estejam acessíveis e ofertados pela produção massificada.

Neste aspecto, para analisar os hábitos alimentares da tríplice fronteira, a disponibilidade de produtos existentes na região e os traços culturais dos residentes nativos e dos migrantes que se instalaram na região, há que se considerar que muitas famílias de migrantes trazem os filhos marcados pelo ambiente cultural diverso e os matriculam em escolas de Foz do Iguaçu. No entanto, as instituições educacionais da região, preocupam-se em sua acolhida, apenas com a adaptação pedagógica dos estudantes, desconsiderando os

aspectos culturais de suas vivências sociais tais como a relação com os modos de se vestir, de comer, a religiosidade e o comportamento social.

É importante compreender como os estudantes que descendem deste fluxo migratório se adaptam aos hábitos alimentares da região, pois segundo Assunção (2011), a alimentação é considerada um aspecto antropológico fixo que reflete os hábitos socioculturais resistente a mudanças, demorando mais para se desnacionalizar, ou seja, as pessoas mantêm por mais tempo os hábitos alimentares adquiridos culturalmente. No entanto, existem questões geográficas que interferem nessa desnacionalização, pois os produtos bases usados nas culinárias são, na maioria das vezes, produtos obtidos em abundância na região cultural de origem e podem estar indisponíveis em outras regiões.

Há que compreender como acontece a adaptação dos moradores locais aos hábitos alimentares dos migrantes, pois estes também promovem maior diversidade culinária regional, apresentando novos sabores e diferentes usos para ingredientes que são abundantes na região. Um exemplo disso é o gosto pelo consumo da tapioca e do pão de queijo em Foz do Iguaçu, que nos últimos anos cresceu devido à facilidade de obtenção de matéria prima à base de amido de mandioca e da influência da cultura mineira e nordestina..

Torna-se necessário identificar os fatores de influência da produção local e os hábitos alimentares socioculturais que fazem com que as escolas da tríplice fronteira possam atender ao variado gosto alimentar adquirido socioculturalmente pelos seus estudantes.

Assim, este estudo pretende discutir como acontecem as mudanças e continuidades das práticas alimentares após a migração e como se constroem hábitos alimentares nos estudantes descendentes de famílias de migrantes. Espera-se compreender os hábitos alimentares dos estudantes iguaçuenses no contexto sociocultural da tríplice fronteira e identificar as influências étnicas que imprimem práticas alimentares de diferentes povos que vivem na região.

Nossa abordagem parte da hipótese de que o cardápio alimentar das escolas públicas ignora os hábitos alimentares dos alunos migrantes, mesmo porque não há registros de que seja realizado algum tipo de levantamento prévio a respeito dos hábitos alimentares das crianças levando em conta as origens socioculturais para a elaboração de um cardápio para a merenda escolar.

2 A MIGRAÇÃO NA FRONTEIRA

A cidade de Foz do Iguaçu caracteriza-se por ter uma população em que a maioria é formada por pessoas que vieram de outras cidades, estados e países, sua sociedade constitui-se de diversos grupos de imigrantes, com destaque para a população de chineses, coreanos, indianos, japoneses, árabes e latino-americanos. De acordo com Clenise Maria Reis Capellani dos Santos (2013) com cerca de 300.000 habitantes a cidade abriga mais de 70 das 192 nacionalidades existentes no mundo, estes grupos étnicos residentes na cidade fazem de Foz do Iguaçu uma das cidades mais cosmopolitas do Brasil. No Paraguai, Ciudad Del Este, possui cerca de 200 mil habitantes e recebe também grande quantidade de imigrantes de diferentes origens. Puerto Iguazu, no lado argentino da tríplice fronteira, é a mais antiga das três cidades, possui cerca de 50 mil habitantes e apresenta um índice de imigração menor que as outras cidades da fronteira.

A tríplice fronteira é marcada pelas relações socioculturais que se mantêm em constante mobilidade devido ao fluxo de bens materiais e culturais que fluem no espaço geopolítico (Anaxsuel Fernando da Silva, 2015). Há que se considerar que as questões antropológicas que marcam a produção de bens voltam-se para o Mercado Comum representado pelo acordo do MERCOSUL e que serve como atrativo para a mobilidade migratória neste espaço. A diversidade cultural é apenas um resultado dessa mobilidade provocada pelo comércio internacional.

Assim, de acordo com Edson Belo Clemente de Souza (2011) a região é marcada por uma territorialidade que resulta do comportamento humano sobre o território geográfico, isto implica num processo de construção dos comportamentos, práticas e conhecimentos humanos em relação à realidade que se apresenta, além de somar as relações que são estabelecidas entre os sujeitos e os territórios.

As comunidades de migrantes se constituem em espaços de sociabilidades representadas pelas atividades comerciais, religiosas e alimentares. As comunidades orientais demoram mais para se integrarem ao estilo ocidental, mas exercem uma influência importante, especialmente nos hábitos alimentares.

Não ocorre uma aproximação cultural imediata ao momento da migração, há uma retração inicial entre os migrantes e os habitantes do local, isto implica na aceitação e na adaptação do espaço a ser dividido. Os imigrantes possuem como característica a necessidade de domesticar o local para torná-lo seu, assim elementos culturais apresentados são formas de tornar presente a sua cultura, criando pontes entre o tempo e o espaço que separam mundos tão distantes, mas de certa forma, é também uma maneira de manter-se emocionalmente ligado a um espaço cultural remoto (CERTEAU *apud* SANTOS 2013).

Para Canesqui (2005) a alimentação é um ato social e cultural, pois contribui muito para a preservação da cultura. Assim, é possível identificar como as culturas se interlaçam por diversas regiões mantendo vivas as tradições estrangeiras no país, pois possibilita perceber a cultura e passar adiante através das gerações as heranças étnicas dos imigrantes.

Neste aspecto, a alimentação se apresenta como uma marca da cultura de cada povo, remonta à tradição e identidade que decorrem da história e se configura como uma entidade dinâmica e instável o que pode desencadear um processo complexo de troca. Assim, é circulação migratória dos homens a responsável por instituir novos modelos e práticas alimentares, estabelecendo novos usos de mercadorias, produtos, técnicas e gostos. Ao descobrir que as tradições culinárias de uma cultura podem ser consolidadas com a utilização de ingredientes de outras localidades, essa tradição alimentar pode ser desenvolvida em locais distantes de suas origens (PAIVA et al., 2012).

A sociedade da tríplice fronteira é formada por uma diversidade cultural de diferentes povos dos mais remotos locais, assim a preservação da cultura de origem de cada povo necessita ser vivenciada por mais de um sujeito, o que leva à busca por construir sociedades com espaços onde a cultura de cada um seja valorizada.

Em Foz do Iguaçu existem sociedades ou associações como a Casa Paraguaia, Clube União Árabe de Foz do Iguaçu, Associação Cultural e Esportiva Japonesa, Elos Clube - Associação Cultural Brasil-Portugal, Lions Club, Rotary Club, entre outras associações e instituições que desenvolvem aspectos culturais dos habitantes, tendo em comum o fato de servirem como espaços de sociabilidade onde os vários atores desfilam seus ornamentos, falam de gente – e às vezes na sua língua natal – e seus costumes (SANTOS, 2013).

A comunidade brasileira que habita no Paraguai também se organiza em clubes, associações e grupos religiosos, sendo que atualmente, um grande número de brasileiros estuda em universidades do Paraguai. Da mesma forma, há um intercâmbio cultural entre brasileiros e argentinos na fronteira, sendo que bares e restaurantes de Puerto Iguazu são fortemente frequentados por brasileiros.

Além disso, a comunidade local abriga espaços religiosos representativos do Islamismo, Hinduísmo, Budismo, Igrejas Cristãs Ortodoxas e diferentes segmentos do Cristianismo, cada expressão religiosa com seus ritos, tradições e dogmas. Isto influencia muito nos costumes e dissemina a cultura social, influenciando diferentes aspectos da vida dos migrantes como: as relações sociais, as vestimentas e hábitos alimentares (Cf. SANTOS, 2005; SILVA, 2015).

Há que se considerar que as religiões possuem larga influência na alimentação, um exemplo disso é o Hamadã, praticado pelos islâmicos e que é representado por um tempo de jejum, oferecido como sacrifício a Deus, trata-se de uma prática religiosa em que seus praticantes não se alimentam desde o nascer do sol até que ele se ponha. Também os budistas suprimem alimentos de seu cardápio como oferta de sacrifício a Buda e realizam oferendas de alimentos, realizando rituais de produção e consumo de alimentos em determinadas datas, como o ‘Moti’, um bolinho de arroz que é consumido no início do ano para trazer sorte.

Há religiões, como o hinduísmo, em que não se consome a carne bovina por ser considerado um animal sagrado, e até mesmo religiões cristãs em que não se consome a carne suína, por ser considerada impura. Católicos Romanos não consomem carne vermelha no início da quaresma e na Sexta-Feira Santa, são dogmas religiosos a serem respeitados pelos seguidores de cada religião.

A alimentação apresenta dimensões que associam o uso dos alimentos aos estados corporais, aos usos, horários e ocasiões em que são consumidos. As adequações de certos alimentos aos tipos de consumidores, segundo o gênero e a idade, prescrevendo-se ou não certos alimentos aos tipos de pessoa e à sua etapa de vida, esta é uma ética a ser pensada, porque se soma ao acesso das pessoas à comida, ao gosto de cada pessoa, ao tipo de comida que marca a identidade cultural. Existem comidas que provocam sensações, norteiam as preferências estabelecendo relações com o corpo de cada um. A comida quando analisada em relação aos aspectos antropológicos contribuem para firmar a identidade social, as diferenças de regionalidades, pois trazem embutidos os hábitos alimentares e o significado que cada comida ou alimento representa.

Este é um assunto a ser debatido com mais intensidade pelas ciências humanas, pois apresentam características nacionais, regionais, locais e até internacionais, uma vez que cada culinária possui vestígio cultural. É importante perceber que a formação do gosto alimentar e as preferências não acontecem apenas em relação aos aspectos nutricionais e biológicos, mas acontecem principalmente, por serem carregadas de aspectos históricos e geográficos de permanência e mudanças de hábitos alimentares com base nas dinâmicas sociais.

Quando se menciona alimentação, há que se lembrar que os alimentos dependem dos ingredientes e do preparo e contribuem para estabelecer uma relação entre comida, identidade e território, pois de acordo com Assunção (2011) a comida é um elemento cultural resistente a transformações e, por isso, é difícil desnacionalizar-se. É necessário ter consciência de que as cozinhas não são limitadas geograficamente ou por nacionalidade, assim a comida é constituída por uma cultura global, que pode se transformar em artefato cultural localizado. A

alimentação é passível de mudanças, mas também apresenta estratégias que os imigrantes utilizam para (re)criar em meio a um ambiente hostil e a uma rotina de trabalho árdua a sensação de familiaridade e conforto, uma vez que fazendo uso de ingredientes locais não possuem o mesmo gosto que a alimentação de sua origem local.

Paiva et al (2012) explica que ocorre uma necessidade de reafirmação da cultura e da identidade alimentar, representando o etnocentrismo culinário, que distingue espaço e valoriza a cultura de origem. Há uma dinâmica cultural que envolve o hábito alimentar apontando uma possibilidade da cultura original de uma localidade deixar de ser exclusiva, pois se tornará mestiça pela interação do sistema de crenças, dos valores morais e das identidades sociais que geram a identificação dos elementos dentro da diversidade cultural de cada sociedade.

Percebe-se que muitos alimentos deixam de ser consumidos por preconceito, simplesmente por não fazerem culturalmente parte do cardápio da população, é o caso dos franceses que consomem carne de rã, *scargot e champignon* (caramujos e cogumelos), coreanos que tem na carne de cachorro uma das suas iguarias e japoneses que consomem a carne de cavalo naturalmente, entre outros consumos, que não são pensados como alimentos entre os povos ocidentais como: insetos, cobras e alguns tipos de vegetais.

No entanto, mais do que consumir um alimento é preciso nutrir-se, assim comer é ato social carregado de usos e costumes, permeado por protocolos, condutas e situações. Todo alimento possui historicidade, sensibilidade gastronômica, carregando manifestações culturais e sociais, que marcam épocas, sabores e paladares, especialmente em relação à companhia, lugar, origem, tempo, confirmando que a alimentação possui um espaço histórico na vida social (CANESQUI, 2005).

2.2 INTEGRAÇÃO DOS MIGRANTES E EDUCAÇÃO

Para compreender a importância de se planejar a alimentação escolar considerando a necessidade de se integrar os alunos migrantes deve-se inicialmente, compreender como a legislação que dispõe sobre a alimentação escolar trata o assunto, pois a Lei 11.947 / 2009 apresenta em seu texto, no artigo 12 a determinação de que o cardápio da alimentação escolar deve ser elaborados por um nutricionista, utilizando gêneros alimentícios básicos, respeitando as referências nutricionais, os hábitos alimentares de cada localidade, a fim de desenvolver alimentação saudável e adequada às necessidades nutricionais dos estudantes.

Não há na referida lei a preocupação em atender às necessidades de adequação do cardápio para alunos de diferentes culturas, generalizando as disposições para atender aos alunos de forma geral. No entanto, há que se considerarem os locais onde a migração seja expressiva de forma atender a todos os alunos.

A migração não é uma condição específica da tríplice fronteira, estudos vêm sendo desenvolvidos em todo o mundo na busca de compreensão para este fenômeno que se expressa em todo o planeta. É importante considerar que as relações humanas é a base da formação de toda a sociedade, pois sem as relações sociais a cadeia se rompe e a vida deixa de existir, especialmente na sociedade humana que sofre limitações biológicas de subsistência, dependendo de viver em grupo para proteger-se e para conseguir alimentos. A espécie humana possui um modo próprio, de interdependência biológica, gerando as diversidades culturais (PORTO-GONÇALVES, 2002).

No entanto, a busca pela subsistência leva o humano a se colocar em constante mobilidade, esta é definida nos estudos da migração como:

O conceito da mobilidade humana é visto sob diversos aspectos. Há um conceito tradicional que enfoca a migração como o movimento das pessoas ou grupos, de um lugar para outro, por diferentes motivos, seja de forma estável ou temporária. Nesse processo circulatório encontram-se diversas categorias de pessoas: turistas, representantes de governos, pesquisadores, estudantes, militares, homens de negócios e migrantes propriamente ditos, estes últimos buscando espaço para nova inserção social. É um conceito centrado no deslocamento demográfico e territorial (ZAMBERLAN, 2004, p. 13).

De acordo com Horta (2013), a integração dos migrantes nas comunidades hospedeiras precisam ser compreendida a partir da diversidade cultural das sociedades modernas construindo modelos de integração que considerem princípios e que respeitem a cultura democrática de maneira realista e aberta. A cultura possui um conceito dinâmico que se apresenta vulnerável à mudanças, porém estas acontecem com rapidez em face às intervenções do mundo globalizado e cada vez mais plural. Há que se assumir que integração precisa envolver ambas as partes, pois se as populações imigrantes introduzem mudanças, as sociedades receptoras também desenvolvem processos de mudanças que se adaptam à diversidade cultural apresentada pelas populações recém-chegadas.

Assim, torna-se importante que sejam construídos percursos de interação que envolva as populações imigrantes no esforço de adaptar-se realizando mudanças que tornem possível aos habitantes locais oportunizar a participação social no sentido de acolher e de promover cidadania. Se não houver interação cultural entre os habitantes nativos e os migrantes não se

preserva a cultura, pois esta deriva da adoção dos hábitos e costumes dos migrantes que são incorporados na comunidade local.

Pierre Bourdieu (1998) explica que o ambiente educacional excludente é centrado na ignorância pelos conteúdos de ensino na transmissão de métodos e técnicas e critérios de avaliação que não revelem preocupação com as desigualdades culturais entre seus alunos. Assim, ao tratar os alunos como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar sanciona as desigualdades iniciais diante da cultura.

Essa ideia, aplicada ao ambiente educacional decorre da concepção de etnocentrismo que se explica como:

O etnocentrismo decorre de processos de normalização e naturalização dos significados que cada cultura toma como corretos e justos para si, transformando a realidade vivida por cada grupo cultural como uma realidade de valor universal.[...] O estranhamento que a alteridade produz em qualquer um de nós quando nos deparamos com formas de vida diversas daquelas que aprendemos a viver e valorizar, resulta do etnocentrismo. Estranhamos o que não nos é familiar e compreensível pelos códigos culturais que adotamos – o que nos leva muitas vezes a tomar diferenças como formas irracionais, aberrantes, ameaçadoras e até não humanas de estar no mundo e pensá-lo (PASSADOR, 2015, p.03)

Ao analisar o etnocentrismo alimentar presente na cultura local, percebe-se que muitos produtos abundantes na região não são incorporados ao cardápio das escolas por preconceito, ou por serem estereótipo de culturas que não são de prestígio, especialmente quando se referem aos povos nativos da América latina. Da mesma forma, muitos alimentos que são consumidos pelos orientais não chegarão ao cardápio das escolas por serem considerados extravagantes pelos habitantes locais.

De acordo com José Manuel Moran (2003) a integração depende de uma análise criteriosa das questões políticas e sociológicas que permitem o acesso à cidadania representada pelos direitos e deveres inerentes ao pertencimento a uma comunidade, desde que reconhecida a diversidade como um dos princípios da cidadania.

Maria João Horta (2013) explica que a convivência em sociedades diferentes impõe desafios aos conceitos de cidadania permeados pelo entendimento do que seja pertencer a um grupo comunitário, compreendendo as políticas e estatutos legais que permitem a participação democrática, uma vez que todos têm acesso a bens e serviços, a trocas culturais e ao respeito aos direitos humanos. Essa precisa ser a premissa daquelas instituições que se comprometem a promover a integração de crianças e jovens no contexto escolar.

A interação humana na escola não pode ser considerada apenas uma ação voltada para os aspectos pedagógicos, é necessário compreender os costumes, a cultura e os hábitos

alimentares dos migrantes integrados no ambiente escolar, especialmente, neste início de milênio em que se desenvolve um verdadeiro êxodo entre povos de diferentes continentes em movimento no mundo todo. As guerras e catástrofes ambientais são responsáveis pela maior parte da migração que acontece na atualidade, por isso é tão importante que as escolas estejam preparadas para acolher os migrantes respeitando sua cultura.

Num mundo em constante evolução, dotado de técnicas e acontecimentos muito velozes, a constante atualização e readaptação de conhecimentos garante ao indivíduo a sua sobrevivência. Para o indivíduo conseguir resultados positivos terá que estar constantemente em busca de seu aperfeiçoamento, adquirindo mais e novos saberes e construindo seu conhecimento, porém no caso da integração de novos conhecimentos e culturas, isto só será possível com um processo de acolhimento no ambiente educacional, pois o principal fator de mudança e de integração de uma sociedade é a educação.

Jumbla Maria Pimental Daniel e Veraluz Zicarelli Cravo (2005) ao realizar a análise da heterogeneidade sociocultural que permeia os hábitos alimentares, abordam diferentes aspectos como a produção, a preparação e o consumo, constatando que estes hábitos atendem as necessidades fisiológicas, mas também atendem a um simbolismo que acontece por meio das relações sociais. Os alimentos possuem caráter simbólico de influência religiosa, diferenciados pelo tipo de consumidor especialmente em relação à idade, saúde, nível social e outros. A alimentação atende às diferenças de faixas etárias, mas também contribui para classificar os níveis sociais em ricos e pobres. As diferenças regionais revelam gostos e paladares, além de apresentarem múltiplas relações com a construção da identidade social. No entanto, esta não é imutável e pode sofrer transformações e assumir múltiplos sentidos.

A estrutura mundial e a distribuição das riquezas e da pobreza no mundo cria um panorama alarmante em relação à alimentação. De acordo com Silvia Carrasco Pons i (2005) a influência do poder econômico na mudança da dieta das populações, especialmente porque o dinheiro é o principal ingrediente para se adquirir alimentos, contribui para se perder o conhecimento tradicional da manipulação dos alimentos. As pessoas mudaram a dieta e com isso consomem alimentos que danificam a saúde, as hortaliças, frutas e verduras são substituídas por carboidratos simples e gorduras, isso acontece por influência dos meios de comunicação e das relações interpessoais. Os principais indicadores de transformação são as crises econômicas, escassez, seleção social e má distribuição de renda, produção tecnológica, industrialização, urbanização, migração e processos de readaptação social.

No Brasil, a urbanização contribui para que os jovens não conheçam os meios de produção de alimentos e aprendam a desprezar alimentos como milho, mandioca, batata doce

e outros produtos naturais. Isto decorre do prestígio excessivo que tais produtos adquirem na indústria como elementos essenciais na produção de espessantes, base de produção de óleo, bebidas, álcool, massas e doces, o que leva à competição desigual entre a indústria e os consumidores pelo uso de matéria prima.

A competição com as indústrias de transformação é desigual, pois eleva os preços impedindo que a classe trabalhadora tenha acesso aos produtos *in natura*. Da mesma forma, a mídia serve aos interesses da indústria induzindo ao consumo dos produtos industrializados.

Ao tratar da globalização e patrimônio, Jesus Contreras Hernandez (2005) afirma que os hábitos alimentares são patrimônios culturais que necessitam ser preservados, mesmo em tempo de globalização onde ocorrem grandes transformações sociais. O desenvolvimento econômico influi no consumo e nos tipos de alimentos produzidos para abastecer a população, o que interfere na relação entre o ser humano e a sua própria alimentação. Os alimentos deixaram de ser recursos e elementos culturais para se tornarem matéria-prima de indústrias alimentares de transformação isso ajuda a homogeneizar e globalizar os hábitos alimentares suplantando a cultura alimentar de cada povo.

No entender de Canesqui (2005) há métodos e conhecimentos que são firmados a partir da pesquisa antropológica e que permitem compreender e explicar os princípios exóticos presentes na realidade dos outros, além de divulgar o que é familiar da nossa própria realidade o que torna a nossa compreensão exótica aos olhos dos outros. Analisando o etnocentrismo alimentar presente na observação e produção de conhecimento sobre a diversidade alimentar dos migrantes é fundamental para a compreensão das diferenças a partir do ponto de vista de quem as produz, o que é necessário para a superação da perspectiva etnocêntrica.

Santos (2005) ao abordar os aspectos históricos da alimentação relaciona as práticas à memória gustativa. Para este autor as pessoas não se alimentam pelo valor nutricional dos alimentos, não se trata de uma relação biológica com a comida e sim de usos e costumes, condutas, ritos, valores éticos e religiosos, a transmissão de hábitos de geração em geração, assim os alimentos adquirem uma dinâmica social. A história da alimentação revela aspectos da educação, civilidade e cultura dos indivíduos. Os alimentos são elaborados para agregar sabor e sentido, assim a cozinha é um espelho da sociedade, que reflete mudanças e transformações causadas por intercâmbios, pela criação de novos produtos e pela circulação de mercadorias. Desta forma as mudanças afetam a qualidade dos alimentos e ditam novos estilos de vida que afetam o paladar e os aportes nutritivos, criando novos padrões de alimentação e imprimindo novos costumes e práticas alimentares.

Canesqui (2005) comenta as mudanças e permanências de práticas alimentares cotidianas de famílias de trabalhadores, especialmente considerando o fenômeno da migração do homem do campo para a cidade, constatando que acontece um enfraquecimento da dieta dos migrantes quando ocorre a mudança, pois a dieta preparada artesanalmente em casa no recesso familiar é marcada pela identidade e as fronteiras do grupo social, pelo gosto, sabores e odores cultivados. A tradição alimentar, ao ser preservada, marca a identidade social aprendida simbolicamente ligada ao aspecto materno, artesanal e doméstico. Os segmentos sociais formados por indivíduos jovens assimilam os alimentos processados e artificiais com mais facilidade que os mais velhos.

Em território brasileiro, de acordo com os direcionamentos dados pelo PNAE, as prefeituras gerenciam a alimentação escolar mantendo um cardápio unificado por município, sendo assim, em Foz do Iguaçu o cardápio da alimentação escolar é elaborado por um profissional nutricionista, considerando a disponibilidade de produtos e as necessidades nutricionais das crianças em geral. Não há uma preocupação com a diversidade étnica que compõe a população local.

A influência cultural dos migrantes na alimentação local e os hábitos alimentares que os migrantes adotam em Foz, refletem a necessidade de se discutir o assunto e promover mais conhecimento e valorização no processo de integração dos migrantes, especialmente, no ambiente escolar, pois é necessário preservar a cultura de origem, mas também garantir que as influências dos migrantes respeitem a cultura local, a fim de garantir que seja firmada a identidade cultural dos povos que habitam a fronteira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresenta uma reflexão a respeito da importância de se considerar os aspectos culturais da alimentação na região da tríplice fronteira, especialmente, porque não se tem registros da quantidade de estudantes das escolas iguaçuenses que são descendentes de migrantes.

Se analisar a diversidade cultural e étnica da fronteira percebe-se que não há uma preocupação em atender às diferenças nutricionais e alimentares das mais de 70 etnias que habitam a fronteira, sem contar os habitantes que procedem de outras regiões do país e que possuem tradições alimentares diferenciadas.

No entanto, é importante reconhecer que o movimento migratório interfere na identidade cultural dos moradores de Foz do Iguaçu e que existem marcas que se

desenvolvem na sociedade local identificada pela presença de diferentes culturas, especialmente, em relação aos hábitos alimentares.

A existência de uma legislação que determina e orienta o desenvolvimento da alimentação escolar não deveria se apresentar como impedimento à humanização dessa prática e passar a considerar a diversidade cultural da fronteira. Este procedimento pode se tornar um elemento motivador para esclarecer pontos importantes do etnocentrismo alimentar que insiste em permanecer vivo na cultura ocidental que se impôs na colonização da fronteira.

Ao ignorar a existência das diferenças culturais dos seus habitantes, as instituições educacionais não correspondem às expectativas dos aprendizes, bem como não aproveitam os conhecimentos que podem enriquecer e valorizar a cultura, porém contribui de forma a acentuar o etnocentrismo alimentar, prestigiando algumas culturas e depreciando outras..

Para que a alimentação escolar possa atender às necessidades nutricionais dos estudantes há que se obedecer às determinações legais postas pela Lei 11.947/2009, no entanto, identifica-se em Foz do Iguaçu um alto contingente de alunos descendentes de migrantes que apresentam gosto alimentar diferenciado e cuja cultura é ignorada na alimentação escolar.

A sociedade iguaçuense é marcada pela influência da cultura alimentar de outros povos que habitam a região como árabes e orientais. Sabe-se que entre seres humanos acontecem mudanças e continuidades das práticas alimentares após a migração, pode ocorrer a construção de novos hábitos alimentares nos estudantes descendentes de famílias de migrantes, mesmo porque em sua convivência familiar os ingredientes usados na elaboração dos alimentos tem origem local, o que indica que outros sabores serão assimilados no seu consumo alimentar diário.

Ao compreender os hábitos alimentares dos estudantes iguaçuenses no contexto sociocultural da tríplice fronteira e identificar as influências étnicas que imprimem práticas alimentares de diferentes povos que vivem na região, imprime-se ao contexto educacional um novo contexto de conhecimento sobre a diversidade étnica e o respeito às diferenças culturais, isso implica na formação de valores que permitem a construção de uma sociedade igualitária, acolhedora e preocupada em contribuir para com a formação da cidadania.

Há que se considerar que a regionalização do cardápio escolar está longe de se tornar uma prática de educação e promoção da saúde, pois a maioria das escolas dispõe de cardápio semi pronto e alto consumo de produtos industrializados, não convidativo ao paladar das crianças, sem contar que não considera as diferenças culturais expressas nos hábitos alimentares dos alunos.

A relação entre a cultura e a alimentação é assunto amplo que necessita ser pensado e discutido no ambiente educacional a fim de promover a valorização dos alimentos que podem contribuir efetivamente para o desenvolvimento saudável dos estudantes independentes da sua origem, as oportunidades que surgem ao refletir sobre os aspectos antropológicos da alimentação são importantes na formação de valores e na determinação do respeito à cultura de outros povos.

As crianças de ambientes urbanos não conhecem os processos de produção alimentar desenvolvido nos meios rurais, isto contribui para o desenvolvimento de preconceito em relação a produtos naturais frente o consumo de produtos industrializados. O alto consumo de produtos importados é um dos determinantes do etnocentrismo que se instala prestigiando a cultura ocidental em detrimento a outras culturas.

Existe um vestígio cultural na culinária de cada lugar e isso determina as preferências alimentares e indicam aspectos nutricionais e biológicos, além disso, representa também a disponibilidade de ingredientes que caracterizam a culinária de cada população. Além disso, cada etnia carrega aspectos históricos e geográficos que contribuem para mudar hábitos alimentares ou para determinar o preparo e as dinâmicas sociais.

Muitos estudos devem ser desenvolvidos a respeito da alimentação escolar em um ambiente cosmopolita como é identificada a tríplice fronteira, a fim de caracterizar os alimentos que possam responder às necessidades nutricionais reais dos estudantes, visto estarem habitando em local quente e úmido, sendo adequado elaborar cardápios que correspondam às necessidades de hidratação e nutrição dos jovens em desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski de. **Onde a comida "não tem gosto"** [tese]: estudo antropológico das práticas alimentares de imigrantes brasileiros em Boston / Viviane Kraieski de Assunção ; orientadora, Carmen Silvia Rial. - Florianópolis, SC, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CANESQUI, Ana Maria. Comentários sobre os estudos antropológicos da alimentação. In: CANESQUI, Ana Maria (org.) **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. / organizado por Ana Maria Canesqui e Rosa Wanda Diez Garcia. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. p. 23 - 51

COSTA, Márcio Aparecido. **Cerveja é a mais consumida no Brasil**. In: Secretaria Nacional Antidrogas – SENAD, 2016. Disponível em: <http://www.antidrogas.com.br/mostraartigo.php?c=762&msg=Cerveja%20%E9%20a%20mais%20consumida%20no%20Brasil>. Acesso em 22.01.2016.

DANIEL, Jumbla Maria Pimental; CRAVO, Veraluz Zicarelli. In: CANESQUI, Ana Maria (org.) **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. / organizado por Ana Maria Canesqui e Rosa Wanda Diez Garcia. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. 57 – 68.

HERNANDEZ, Jesús Contreras. Patrimônio e Globalização: o caso das culturas alimentares. In: CANESQUI, Ana Maria (org.) **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. / organizado por Ana Maria Canesqui e Rosa Wanda Diez Garcia. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.p. 129- 145

HORTA, Maria João. **Educação e imigração: a integração dos alunos imigrantes nas escolas do ensino básico do centro histórico de Lisboa** / Lisboa: Observatório da Imigração, n. 50. Dezembro de 2013.

KATZ, Esther. Alimentação indígena na América Latina: comida invisível, comida de pobres ou patrimônio culinário?. In: **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 25-41, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/download/8319/5217>. Acesso em 22.01.2016.

MACIEL, Maria Eunice. Identidade cultural e alimentação. In: CANESQUI, Ana Maria (org.) **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. / organizado por Ana Maria Canesqui e Rosa Wanda Diez Garcia. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. p. 49 – 55.

MORAN, José Manuel. **Jovens, imigração e aprendizagens de cidadania**: In: Estudos da Juventude, n.60, 2003. pp. 3-47.

PAIVA, J.B.; FREITAS, M.C.S.; SANTOS, L.A.S. **Hábitos alimentares regionais no Programa Nacional de Alimentação Escolar**: um estudo qualitativo em um município do sertão da Bahia, Brasil. Rev. Nutr., Campinas, 25(2):191-202, mar./abr., 2012

PASSADOR, Luiz Henrique. **Etnocentrismo, estereótipo e preconceito**. (2015) Disponível em : <http://www.comfor.unifesp.br/wp-content/docs/COMFOR/bibliotecavirtual/GDE/mod1/Semana4.pdf>. Acesso em 23.02.2016

PONS, Silvia Carrasco i. Pontos de partida teórico-metodológicos para o estudo sociocultural da alimentação. In: CANESQUI, Ana Maria (org.) **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. / organizado por Ana Maria Canesqui e Rosa Wanda Diez Garcia. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. p. 101-126

PORTO-GONÇALVES, C.W. **A Geograficidade do Social**: uma contribuição para o debate metodológico para os estudos de conflitos e movimentos sociais na América Latina (2002). In: Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais – Clacso

PMFI - PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU. Dados socioeconômicos de Foz do Iguaçu. (2011). Disponível em: <http://www.pmf.pr.gov.br/ArquivosDB?idMidia=62490>. Acesso em 04.12.2015.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. A alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa. In: em: **Revista da Academia Paranaense de Letras**, nº51, 2005, pp.165/188. Curitiba: UFPR, 2005.

SANTOS, Clenise Maria Reis Capellani dos. **A alimentação como processo de integração da comunidade Árabe em Foz do Iguaçu**. 2013. 121. f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade do Oeste do Paraná.

SILVA, Anaxsuel Fernando da. Práticas religiosas, fluxos e migrações na tríplice fronteira Latino americana. In: **Convenção Internacional de Antropologia**. Palácio de Convenções La Havana, Cuba. 9 Al 13 De Marzo, 2015

SOUZA, Aparecida Darc de. **Formação econômica e social de foz do Iguaçu**: um estudo sobre as memórias constitutivas da cidade (1970-2008). 2009. 218f. Tese (Doutorado em História Econômica)–Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

SOUZA, Edson Belo Clemente. Territórios turísticos: estudo da região de fronteira do Brasil com o Paraguai. In: SILVA, Regina Coeli Machado e; SANTOS, Maria Elena Pires. **Cenários em perspectiva**: Diversidades na tríplice fronteira. Cascavel: EDUNIOESTE, 2011.

VALENTE, Flávio Luiz Schieck. **Segurança Alimentar e Nutricional**: Transformando natureza em gente. In: VALENTE, F. L. S. Direito Humano à Alimentação – desafios e conquistas. 1ª ed. São Paulo, Cortez Editora, 2002. p. 103-136.

ZAMBERLAM, Jurandir. **O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização**. Porto Alegre : Pallotti, 2004. 179 p.